



**EUTOMIA**

REVISTA ONLINE  
DE LITERATURA E LINGUÍSTICA

Poesia

*Ruy Proença<sup>i</sup>*

#### EFEITO PARADOXAL

a calçada sobre  
a cadeira de bar sobre  
mim sobre  
as nuvens sobre  
o céu

tudo levita  
de ponta-cabeça  
depois que engoli  
o sol

ou

isso é apenas  
ressaca de hospital?

## TRENS URBANOS

Não são como os ratos  
ou os vira-latas.

Nunca desviam,  
os trens.

Este sempre acompanha  
o rio morto vivo.

Aqui dentro, uns lutam pra dormir,  
outros, pra acordar.

Uns achando que a vida  
é preparação pra morte

Outros, que a morte  
é o motor da vida.

Outros não acham nada.  
Sobrevivem

Os meus botões pensam:  
morte em vida é que é o problema

Cocteau pensava além: a vida  
é uma queda na horizontal.

O trem pára. A porta se abre.  
Na falta,

qualquer rua, pra mim,  
é rio.

## ENCONTRO

Chegam primeiro  
os ventos quentes.  
Tomam de assalto  
a cidadela.  
Os circuitos de proteção  
automaticamente  
se desligam.  
As pontes levadiças  
baixam.  
Um leque  
de ventosas invisíveis  
se abre  
lentamente  
sobre a imagem  
do outro  
que se aproxima.  
Quanto mais se aproxima  
mais se revela  
sua geografia  
de espinhos,  
seu corpo  
de minúsculos  
guarda-chuvas.  
A ilha de ventosas  
uma a uma  
as lanças embainha.  
Traz ainda  
estoque  
de matéria  
aderente.  
Por um instante  
antes de regressar  
à escuridão particular  
duas impossibilidades  
se misturam.

## ERAM DIAS DE PASSAROS ANINHADOS

eram dias de pássaros aninhados  
no beiral dos meus olhos

era a casa pequena  
os olhos capazes de se lançar como pássaros  
a partir das janelas

os barulhos mentais  
escoando pouco a pouco para outro lugar

estava livre  
afinal  
para receber o sol

sol pescado na aurora  
e trazido à tona em rede de trinados

a porcelana trincada do tímpano  
novamente se fazia fino couro de tambor

havia uma primavera  
trabalhando em cada árvore

## O TIETÊ NÃO VAI AO MAR

Vem, Lídia,  
enlacemos as mãos  
e atravessemos correndo  
as sete pistas da via expressa  
para não sermos atropelados  
como os cães.

Vem, Lídia,  
cheguemos mais perto,  
do rio retificado.  
Ignoremos o barulho dos carros, o mato das  
[margens  
Ignoremos os detritos na correnteza  
e o cheiro nauseabundo.

Vem, Lídia,  
mas não nos sentemos:  
que a surpresa  
de um cadáver com ratazanas  
pode nos casar a ferro quente  
para toda a eternidade.

Vem, Lídia,  
desenlacemos as mãos,  
não mais nos toquemos.  
Simplesmente  
deixemos a vida passar  
como o rio passa: sem religião, um féretro, um  
[morto.

---

<sup>i</sup> RUY PROENÇA nasceu em São Paulo, em 1957. É engenheiro de minas formado pela Escola Politécnica da USP, tendo feito paralelamente o curso de História na mesma instituição. Participou de diversas antologias de poesia, entre as quais se destacam: *Anthologie de la poésie brésilienne* (Chandeigne, França, 1998) e *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21* (Publifolha, 2006). Traduziu Boris Vian e Jean-Pierre Siméon. Atualmente trabalha na tradução de poemas de Paol Keineg. É autor dos livros de poesia *Pequenos séculos* (1985); *A lua investirá com seus chifres* (1996); *Como um dia come o outro* (1999); *Visão do térreo* (2007) e dos poemas infanto-juvenis de *Coisas daqui* (2007).

\* Os poemas aqui publicados foram extraídos do livro *Visão do térreo*.